

CERJ

Boletim

Impresso

Ano 70 - Número 639 - Novembro e Dezembro de 2009

Michelle e Carlos Alexandre



Cordillera Real por Michelle Baldini

Cabeza del Condor, 5.648 mts

Condori - Cordillera Real



Editorial

EXPEDIENTE 2009

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente:

Luiz Antonio Puppim

Secretário:

José de Oliveira Barros

Tesoureiras:

1-Monica Esteves

2-Gabriela Melo

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Rafael Villaça

Daniel Schultz

Diretora Social:

Liane Leobons

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação:

Vago

Conselho Deliberativo

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Carlos Carrozzino

Gustavo Iribarne

Maria Aparecida (Cida) Gama

Boletim Informativo do CERJ

Diagramação: Waldecy Lucena

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escarlar é um esporte de risco.

Recentemente, algumas novas vias de escalada foram conquistadas com a participação de escaladores cerjenses e doadas ao clube. Algumas pessoas podem questionar a relevância das conquistas para uma associação de montanhismo. Afinal, se grampos, chapeletas e furadeira custam dinheiro, que benefício trazem para o clube? A resposta é que, direta ou indiretamente, um clube de montanha é moldado pelas suas conquistas.

Quando se fala em CERJ, fala-se em Chaminé Rio de Janeiro, em Pico Maior de Friburgo, em Pico do Itabira, em Chaminé Brasília, e em tantas outras montanhas e vias de escalada grandiosas. A própria história do clube é escrita pelas suas conquistas, travessias, caminhos e cumes desbravados. Em cada uma delas, o clube agregou uma quantidade tal de conhecimento e desenvolvimento técnico, que seria impossível conseguir de uma outra forma qualquer.

Assim, o CERJ não seria o clube que é hoje se não fosse o empreendedorismo de um Silvio Mendes, na década de 40. O CERJ não seria o que é hoje, se não fosse pelo Pellegrini e seu grupo, a partir da década de 50, até a década de 80. O desenvolvimento que estes dois mitos da escalada no Rio de Janeiro trouxeram, através das suas conquistas e inovações tecnológicas, para seu clube e para a comunidade montanhística de uma forma geral, é algo que não se pode mensurar.

Que estas novas vias recém conquistadas pelo CERJ sirvam para manter vivo entre nós o espírito que movia os nossos grandes montanhistas do passado, e que esse espírito traga inspiração a quem está chegando agora. Que a história do CERJ continue, sempre, a ser escrita pelas suas vias de escalada, pelos seus cumes, pelas suas conquistas e pelos seus conquistadores!

Rafael Villaça

Data	Atividade	Local	Classif.	Guia
01/11	Mutirão Reflorestamento	Pão de Açucar		Sávio
02/11	Paredão Paraíso Perdido	Fl. Tijuca	3° V	Rafael
07/11	Paredão Lionel Terray	Pedra Bonita	3° IV	Sebá e Sérgio
14/11	Pedra D'Anta	Vale dos Frades (PETP)	SemiPesada	Wal
21/11	Paredão Lindaurea Pereira	Babilônia	3° IV	Arthur /Iribarne
06/12	Mutirão Reflorestamento	Pão de Açucar		Sávio
17/12	Festa de fim de ano	sede do CERJ		Diretoria Social
19/12	Churrasco de fim de ano	Fl. Tijuca	escaladas e caminhadas	DS

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Novembro

- 03 - Luciano Franco
- 04 - Eduardo Esteves Abreu
- 05 - Lucia Maria Maciel
Maotsé Feliz Brasil
- 09 - Reinaldo Hingel Junior
- 10 - Fernando Fajardo (Velho)
- 14 - Luiz Felipe Palmeira
Severino Barreto (Taino)
- 16 - Alexandre Souza (Faia)
Éder de Abreu
- 17 - Ana Maria Sarmento Lameira
- 18 - Carina Dias Stamile Soares
- 19 - Cissa de Almeida Biasoli
- 20 - Leonardo Faustino Lima
- 21 - Márcia D'Ávila R. Oliveira
- 22 - Nino Bott de Aquino
- 24 - Nelson Bravin Ferreira
- 26 - Vinícius Martins Guimarães
Waldecy Mathias Lucena (Wal)
Wilson dos Santos

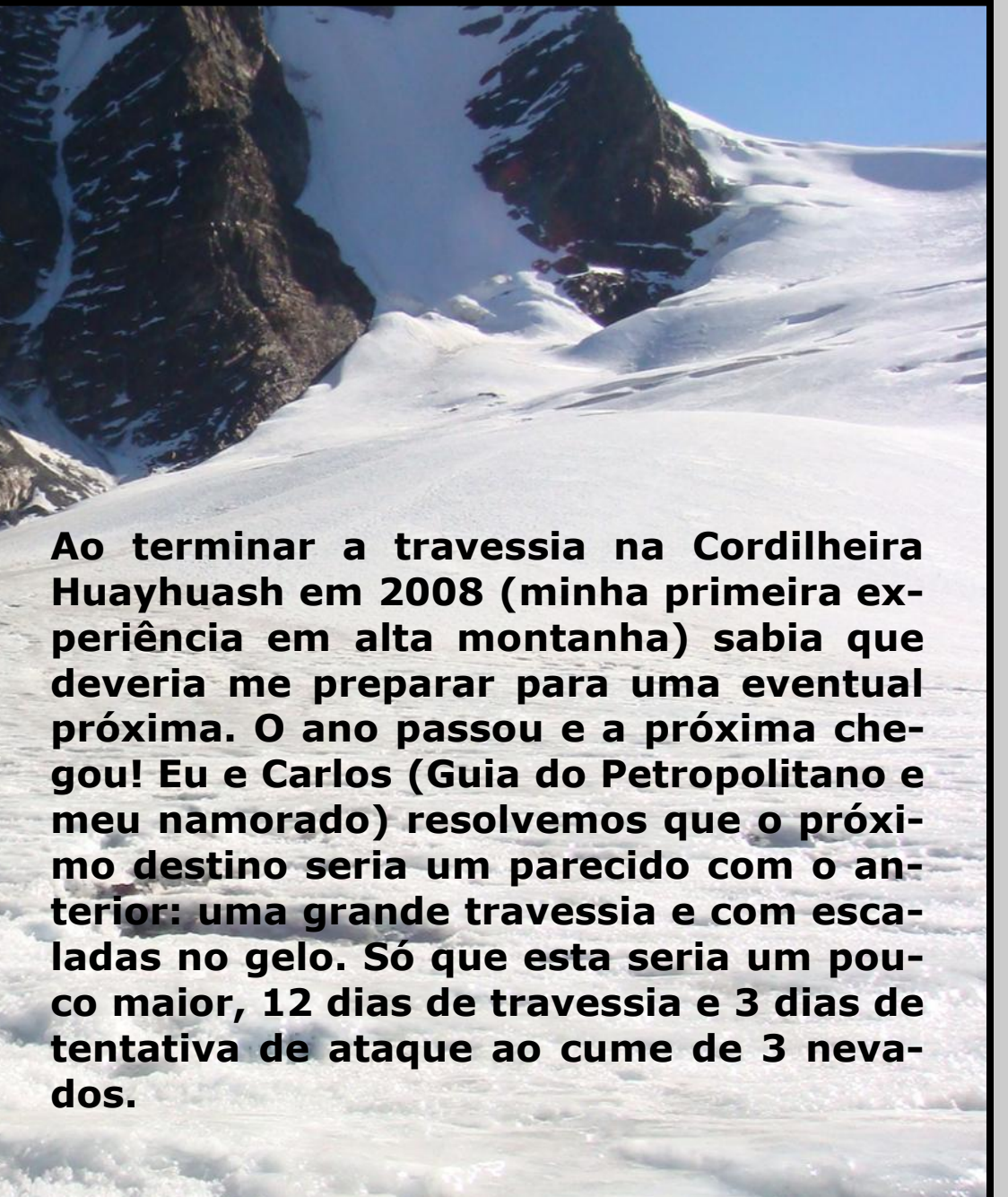
Dezembro

- 01 - Débora Coelho Lucas
- 06 - Constantino Barreto
- 11 - Luana Karoline
Elias Arruda (Bodão)
- 12 - Helio Magalhães
- 14 - Kátia Noronha
- 15 - Felipe dos Santos Martins
- 16 - Sílvia Noronha
- 18 - Nelson Almeida dos Santos
- 19 - Mariléia Ferreira Melo
Paulo Mauricio Ballado
- 20 - Sandra Palhano
Fábio José Schor
- 22 - Christianne Ramos
- 28 - Giovanni Bruno (Coelho)
- 30 - André Luiz Levý
- 31 - Diego Medeiros Guedes

Cordillera Real - Bolívia



Por Michelle Baldini



Ao terminar a travessia na Cordilheira Huayhuash em 2008 (minha primeira experiência em alta montanha) sabia que deveria me preparar para uma eventual próxima. O ano passou e a próxima chegou! Eu e Carlos (Guia do Petropolitano e meu namorado) resolvemos que o próximo destino seria um parecido com o anterior: uma grande travessia e com escaladas no gelo. Só que esta seria um pouco maior, 12 dias de travessia e 3 dias de tentativa de ataque ao cume de 3 nevados.

Mesmo sabendo que deveria me preparar não imaginava o que estaria pela frente nesta trip. Pensava que seria parecido com o anterior (difícil, porém factível). Então como não tinha nenhum tempo para malhar, ou fazer qualquer outro tipo de exercício físico, apenas continuei fazendo minhas aulas de yoga e relaxei.



A viagem começou com alguns passeios turísticos, pois além de querermos conhecer a parte montanhística da região sempre vale a pena conhecer os pontos turísticos do novo país que se está visitando, mas no caso de locais de altitude (La Paz está a 3.600 metros) é fundamental que não se inicie nenhum tipo de exercício físico sem uma boa aclimação. E foi o que fizemos. 6 dias de aclimação, passeando em locais como a Ilha do Sol (local considerado sagrado pelos Incas onde estes faziam rituais de sacrifício humano). Nesta ilha fizemos um pequeno trekking de 4 horas para começar. Conhecemos ainda lugares como Copacabana, Lago Titicaca e a triste realidade do paupérrimo povo boliviano em La Paz.

A intenção era caminharmos os 12 dias, acampando em locais previamente acertados e ao 13º dia chegarmos ao acampamento base do Condoriri onde ficaríamos os outros 3 dias. No 5º dia fomos para Sorata (capital Boliviana do trekking) e encontramos com Leonardo (cunhado do Carlos e também do Pe-

Aresta final do Cabeza del Condor 5.648 mts - Condori - Cordillera Real

tropolitano) para começarmos a travessia Cordillera Trans Altiplânica - aberta em 2008 - onde só haviam passado por ela 3 grupos antes do nosso.

No primeiro dia de travessia passamos por um glaciário fantástico e por paisagens maravilhosas, mas já no segundo dia começou o grande esforço. Descidas e subidas fortes com desníveis que eu e que os meus companheiros, bem mais experientes que eu, jamais havíamos visto.

O frio era muito forte. Na noite mais fria pegamos doze graus abaixo de zero dentro da barraca. Neste dia e em vários outros lavei a mão de manhã (sim porque conseguimos manter um nível mínimo de higiene) e voltei com ela dura. O frio fazia doer muitas partes do corpo, os pés, o nariz, as mãos. A dor demorava muito a passar mesmo com duas luvas. Num momento da travessia já não queria lavar as mãos então escovei os dentes e com a própria escova tentava lavar a boca com a pouca água que erguia esta, já que o rio era longe do acampamento e não dava pra ir e pegar um copo.



Em alguns dias quando chegávamos cedo à área de acampamento conseguimos tomar um "banho". Lavávamos os pés, as partes íntimas (que ficavam dormentes com o frio, era engraçado). O banho era literalmente numa geladeira, pois havia enormes blocos de gelo logo ao nosso lado.

De meu nariz saía sangue todos os dias de manhã. Assoava e saíam enormes seres gosmentos e duros, uma coisa grotesca, que se eu não tirasse me impedia de respirar. Tinha uma toalhinha onde assoava o nariz e não sei porque mas batizei ela de nojentinha hahahaha.

Fomos com um guia (Jaime Chino), pois como esta travessia era novíssima não estava em mapa e entrar de curioso seria suicídio. Ele era um índio Aymara e me ensinou algumas coisas no idioma deles (o Aymara). O cara era muito engraçado. Muito gente boa!!! Ele cozinhava pra gente também e a comida dele era show de bola!

Teve um dia que tivemos que trocar de guia, pois neste momento a travessia só poderia ser feita pelo cara que a abriu por completo tendo em vista que ninguém mais a não ser ele (e os outros 2 que a abriam) conhecia o caminho. Encontramos com ele em determinado ponto.

Trocamos então de guia. O cara era até legal, mas nada que se comparasse ao anterior. Ficou conosco mais uns 9 dias. Foi realmente uma pena termos trocado mas....

Para carregar nossas coisas tínhamos 6 mulas e dois muleiros. O peso que se carrega numa expedição destas não tem como ser carregada no lombo. Pra se ter idéia do peso, uma menina que, antes de nós, tentou fazer apenas 3 dias de travessia (no quinto dia é que começa a travessia trans-cordilheira altiplânica) desistiu no primeiro (isso mesmo, no primeiro) desnível e teve que contratar um porteador.

Mesmo tendo sido terrível o esforço físico (ainda mais para mim que não havia me preparado) em nenhum momento pensei em desistir, só pensava que conseguiria e que eu era forte.

Para dormir, levei um saco de dormir da Trilhas e Rumos -15º C emprestado do Dex. Na segunda noite (depois do primeiro grande esforço) por causa do frio de rachar falei pro Carlos: " Não sei o que é pior, o dia ou a noite". Ele cavalheiramente trocou de saco de dormir comigo. Fiquei então com o dele, um Artiac - 25ºC. Não senti mais muito frio, mas ele, coitado, começou sua noite de horrores. A cada momento eu virava pro lado e o via colocando mais uma peça de roupa, ora um casaco, ora uma calça, ora outra meia. Virava pro lado como se não fosse comigo. De manhã ele acordou como se fosse um astronauta! Hahahha. Por tal motivo teve-se a idéia de dormirmos os 3 na mesma barraca para tentarmos diminuir o frio. Na noite seguinte conseguimos, pois a temperatura de -12 aumentou para -1 dentro da barraca. E então durante toda a travessia dormimos os 3 juntos.

No 12º dia, um dia antes de chegarmos ao acampamento do Condoriri, aconteceu uma coisa muito estranha. Carlos levantou-se para ir ao banheiro. Caminhou um tempo e demorou um pouco. Quando retornou Leo se posicionou para sair também quando Carlos disse: "Léo, cuidado cara porque tem um bichão sinistro lá fora". Perguntamos o que era e ele descreveu: " costas curvadas, de pelo negro e enorme, rosnou pra mim, só deu tempo de eu abaixar e pegar uma pedra mas ele saiu pra um lado e eu pro outro, quase me borrei de susto" Eu e o Léo rimos pra caramba. Acreditem ou não, no momento que ele contou essa história olhei no relógio, que ficava pendurado na barraca para marcar a temperatura, e vi a hora: 00:00 e era noite de lua cheia (não é pilha)!

Depois de umas belas gargalhadas fomos dormir. De manhã o arriero (pessoa que leva as mulas com a carga) nos disse que um animal matou uma ovelha e que roeu a corda que prendia um dos burros e que ele demorou a beça a achá-lo! Muiiito estranho! O que poderia ter sido? Um Lobisomem? Hahahahahha.

No dia seguinte escalamos o pico Áustria 5250m, meio gelo meio rocha, onde quase bati pino, mas bravamente consegui alcançar o cume. No mesmo dia chegamos ao acampamento do Condoriri onde começaríamos no dia seguinte, sem nenhum dia de descanso, as escaladas no gelo. Dormimos às 5 da manhã levantamos para a primeira investida: tentativa de ataque ao cume do Pirâmide

Blanca. Coloquei as botas de neve e comecei a caminhar com elas até a base do glaciár. Antes mesmo de chegar ao glaciár, o peso das botas (que eu não estava acostumada) junto ao cansaço acumulado, já estavam me desanimando. Até que eu cheguei a base do glaciár....que coisa maravilhosa!!!! Na mesma hora meu ânimo retornou, coloquei o grampon rapidamente e começamos a subir. O ânimo repentino foi breve, 1,5 horas de subida meu corpo começou a baquear. Estava realmente cansada. Meus pés doíam. Continuei tentando mas já estava me arrastando. Pedi pra pararem para eu descansar um pouco. Disse ao Carlos que estava esgotada e ele disse que eu deveria parar naquele momento. Não quis. Continuei caminhando naquela imensidão gelada e o cume não chegava. 3 horas depois pedi para pararem de novo. Dessa vez o Carlos disse: "Michelle chega! Se desencorda, eles vão subir e eu fico aqui com você." Eu disse: "De jeito nenhum, você sobe e eu fico, se você não subir eu vou brigar com você, eu fico aqui sem nenhum problema". Mas não adiantou eu fique e ele também. Chorei muito, como nunca havia chorado antes. Um choro de decepção misturado com raiva de mim mesma por não ter me preparado, por achar que seria "fácil", por não ter sido humilde. Consegui ver o Léo chegando no cume, estava tão perto! Não devo ter ficado menos de 300 metros, mas 300 metros em alta montanha são bem diferentes de 300 metros "a nível do mar"! Ficamos esperando eles voltarem. Sentei-me e abaixei a cabeça. Quando olhei pra baixo vi um buraco se abrindo abaixo de mim, olhei de novo e vi um abismo. "Meu Deus estou sentada em cima de uma greta" pensei. Estávamos desencordados e se eu caio ali, dependendo da altura (que não me pareceu ser pequena) já era. Lentamente me movimemente e calmamente me levantei, só vi a neve caindo láaa embaixo. Quase que eu caio lá embaixo. Que perrengue!

Cume do Pico Austria



Voltamos e combinamos que no dia seguinte eu descansaria e eles tentariam outro cume. Foi o que fizemos. Eles fizeram o cume do Cabeça de Condor e eu fiquei. No dia seguinte já descansada e após grande esforço, consegui chegar ao cume do Pico Tarija – 5.300m. Que alegria! Quando cheguei ao cume apreciei aquele visual fantástico que impressionaria qualquer ser vivo. Meditei e humildemente agradei a Deus!

Chegamos ao acampamento base de volta com o cume no bolso e imensamente felizes! No dia seguinte retornamos e ainda levamos pra La Paz de carona um brasileiro fanfarrão que estava com mal da montanha.

Nesse passeio, de 29 dias, em que conhecemos praticamente toda a Bolívia, de norte a sul, não terminou por aí. Ainda visitamos outros lugares inóspitos, como o Deserto de Sal, (cuja viagem de chegada e saída foi a pior de minha vida), mas essa já é uma outra história que conto numa outra oportunidade!

Essa trip, além de ter sido uma passagem fantástica em minha vida, me ajudou a conhecer melhor meus limites, a tornar-me mais humilde, mais grata, mais paciente, mais disciplinada e quem sabe, talvez, tenha me ajudado a tornar-me ser humano melhor.

Bjs pessoal,
Michells



**Chegada a Tuni depois de
percorrer os 380 Kms da Travessia desde Sorata**

Festival Kmon!

Waldecy Mathias

No dia 08 de setembro, no Espaço Cultural Calouste Gulbenkian, foi realizado o Primeiro Festival de Curtas de Montanha, o Kmon. A realização do evento foi conduzida por Rodolfo Campos do Guanabara, Wal e Rodrigo Show. O comparecimento foi em massa, lotando o auditório – 194 pessoas.

E o grande vencedor da noite foi A MUMIA DA GALOTTI, de Rodolfo Campos. A vitória foi esmagadora – dos 138 votos válidos, a Múmia ficou com 73. O segundo lugar foi dividido entre o Grampo do Creu, de Pedro Bugim e a Via do Sofá, de Máximo Kausch.

Após o festival, a galera toda se reuniu no foyer do auditório onde rolou uma animada social. E na entrega do Troféu ao vencedor Rodolfo, tivemos até a presença da Múmia da Galotti que tentou roubar o troféu das mãos do premiado cineasta. Valeu Velhusco!!!



Quero agradecer também a galera que mandou seus filmes para o Kmon, a Liane Leobons e Ana Paula Paiva Almeida pela força lá na hora da bagunça, Pedrinho Bugim por ter feito a introdução do Kmon, ao casal sensacional Flávio Bagre e Adriana Mello por apresentar os vencedores (estavam impagáveis!), ao Romário que ficou no controle do bar e claro, a

toda a galera que nos prestigiou na inesquecível noite de ontem!

Notícias do bar do Kmon: foram consumidas 156 latas de cerveja, 20 latas de refri, 12 águas e 6 litros do remédio de coluna do Tio Luis do Guanabara...

Bom, ano que vem tem mais Kmon!!!

Rodolfo correndo para pegar o troféu...



IBIS - 6 VII E2 D4



Por Leo Nobre



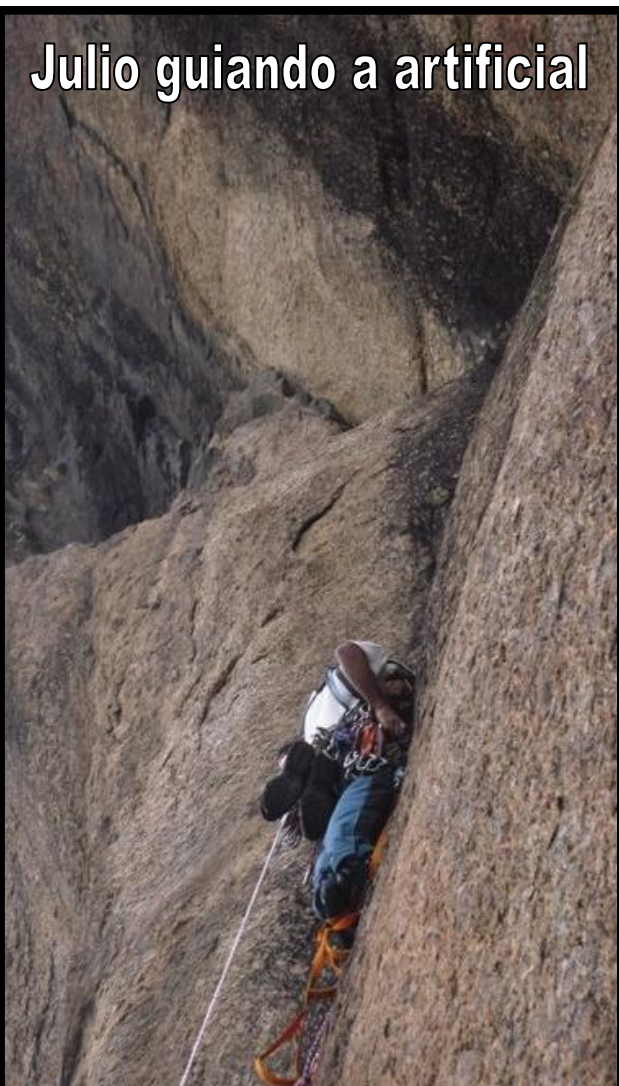
Julio Mello

*Talvez uma das escaladas mais
estressantes da minha vida...*

A mais de 1 ano venho combinando com o Julio de fazermos a Íbis inteira e finalmente conseguimos estabelecer um dia para a fazermos, sábado dia 19 de setembro, previsão de chuva para as 21h deste mesmo dia. Horário de encontro às 5h da matina em frente ao guia Lopes na Praia Vermelha.

Começamos a subir a trilha ainda no escuro e sem headlamps, peso pra cacete nas costas. Nas mochilas levávamos exatamente: 1 bandoleira, 12 costuras, 20 mosquetões avulsos, cerca de 10 mosquetões mãe, corda de 70m 10.3mm (pesada pra carvalho), 1 retinida 70m 7mm, 1 par de jumars, equipamentos pessoais, roldana com blocante, 2 pares de estribos, fitas, 2 nuts de cabo para parafusos, 4 croquis da via, 1 litro e meio de água cada um, 1 pacote de biscoito (cada um), 3 barras de cereais (cada um), furadeira, 7 grampos de 1/2 e 1 chapeleta, 1 marreta de 500g, agasalho, headlamp.... putz, tá faltando alguma coisa! Ou seja, estávamos com um peso absurdo nas costas.

Julio guiando a artificial



Chegamos às 5:40h na base da via e às 6:05h já estávamos escalando. O Julio fez a primeira enfiada (cabo + A1) tranqüilo, guiei a segunda enfiada escalando bem 50 grau com bastante peso nas costas. O Julio guiou a terceira enfiada até o platô. Até aí tudo estava muito bem e muito rápido! Comecei a guiar a enfiada seguinte, que é o primeiro artificial dos 2 negativos que tem lá. Para começar esta enfiada, é necessário um nut de cabo para o primeiro parafuso e é uma saída muito chata que me deu trabalho. Depois é só grampo stubai de 1/4 e bem enferrujados, intercalados por grampos de 1/2 duvidosos. Cheguei num platô mais acima, armei a parada num grampo de 1/2 bomba e fixei a corda para o Julio jumarear e limpar o esticção, e em outro grampo de 1/2 bem desgastado eu fiz o içamento das mochilas.

O Julio iniciou o quinto esticção, num lugar onde toda a pedra se esfarela como cream cracker, numa seqüência de grampos de 1/4 podres e 1 piton knifeblade bomba, até chegar num diedrinho interessante de 40 grau em livre e muito

Reboque de material



aéreo, que dá uma onda depois de fazer tanto artificial. Tinha mais cerca de 30m de artificial para cima até a P5. O Jullio decidiu parar ali para içarmos as mochilas, pois já estava a um pouco menos da metade da retinida. Depois de içar as coisas ele começou a escalar o negativo e chegando na barriga, faltando cerca de 15m para a P5, acabaram-se os mosquetões avulso, então o Julio fixou a corda para eu jumarear até as mochilas para colocá-las na retinida para içar até mais acima e entregar os moquetões usados até ali.

Comecei a jumarear até o inicio do diedro tranquilamente, com leves sintomas de cansaço, muito leves mesmo! No inicio do diedro, que tem que se escalar em livre, eu fiquei boladissimo, pois estava com corda fixa e jumareando e com um alto risco de cair pendurado somente pelos dois jumares na corda. Coloquei a retinida por dentro do grampo anterior e segurando a corda e a retinida, uma de cada lado, eu atravessaria a horizontal com mais segurança. Cheguei nas mochilas e novamente arrumei as coisas e materiais para o Julio içar. Depois de colocar tudo na retinida, comecei a fazer o artificial até um grampo de $\frac{1}{2}$ abaixo de onde o Julio estava.

Para sair do diedro eu teria que pendular para fora da pedra com os jumares na corda, e este lance é AÉREO PARA CAR@%*! Este lance mexeu demais com a minha cabeça, fiquei realmente me borrando de medo e por alguns momentos me passou pela cabeça desistir da escalada, mas dane-se, regressar dali já não era mais uma opção! Eu teria que entrar na jumareada de qualquer jeito, então decidi para de olhar para baixo, para literalmente não borrar as calças! 1, 2, 3, fui! Esse foi o pior momento que já passei na minha vida, ficar balançando no

Leo na segurança...



vazio, com centenas de metros de queda livre abaixo de mim, foi realmente assustador, e eu não conseguia parar de olhar para baixo, aquilo ao mesmo tempo que me impressionava demais, me fascinava!

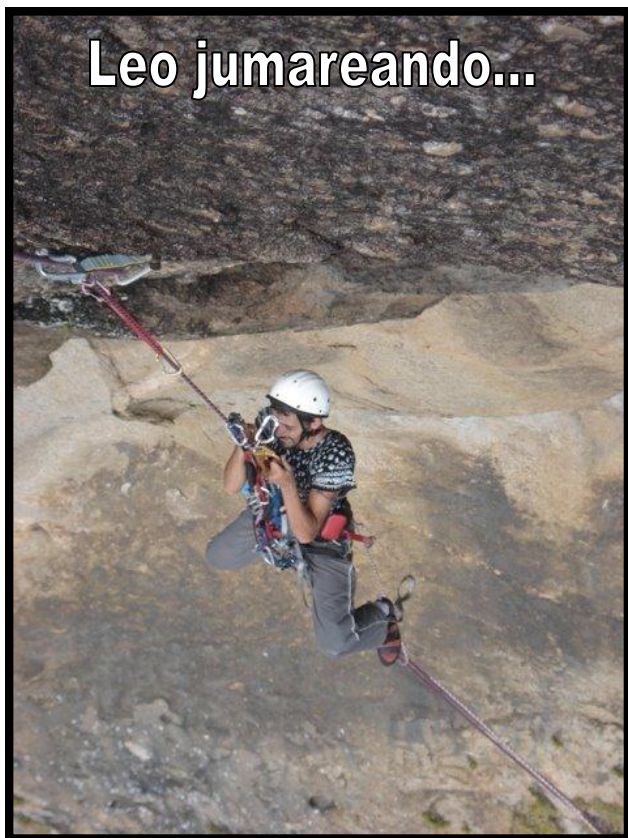
Por milhares de vezes me perguntando o que eu estava fazendo ali, continuei jumareando e lembrando, muitas vezes, as cenas mortais de jumareadas que deram errado, a jumareada do Barão na Crazy, a corda que arrebentou com um maluco jumareando no Eiger... o medo a esta altura já havia se enraizado em mim, as primeiras jumareadas demoravam demais, mas pouco a pouco, fui perdendo o medo, e depois de 1h e tanto de jumareada cheguei no grampo abaixo do Julio. Ele começou a subir por mais uns 15 ou 20m e chegou em P5 no buracão, içou as coisas e fixou a corda para eu jumarear. Cheguei até a parada, extremamente cansado, com as pernas doendo bastante, por estar pendurado por um longo tempo no negativo. Num ato de desespero tomei um longo gole d'água e devorei ávidamente uma barrinha de cereal, para começar a guiar o próximo lance de 20 metros de artificial até a base do 7º grau.

Meus braços e meus dedos, de tanto esforço, quando os dobrava, eles continuavam dobrados, mesmo que eu quisesse desdobrá-los, como uma câmbra. 14:30h da tarde, cheguei a P6 icei as coisas e fixei a corda, o Julio jumareou e chegou onde eu estava, deixou as coisas penduradas na parada e começou a guiar o VIIa. A parede deste ponto pra cima já não era mais esfarelenta como antes, porém as agarras saíam inteiras nas mãos, por ter quase voado neste lance, o Julio decidiu utilizar os grampos como pontos de apoio, até pelo avan-

çar da hora, e assim que chegou em P7, deu um grito bem alto: - "Leo, conquistamos nossa liberdade!". Com previsão de chuva e com a hora passando rapidamente, estar ali antes do 7º grau, literalmente estávamos preso naquela via, sem possibilidade de voltar atrás e com extremo risco de ter que dormir na parede, por causa da luz do dia e da possibilidade chuva, com pouca comida e quase nenhuma água.

Roubei em alguns grampos nesta seqüência e cheguei até P7. Bom, agora eram só mais 4 esticções de 3º grau e a nossa liberdade estava garantida, água gelada do bondinho e descida até a praia vermelha de bondinho. Comecei a guiar o terceiro grau mais difícil da minha vida, sem sacanagem, aquilo lá é bem vertical e com algumas agarras boas e muitas quebrando, e exposto pra carvalho, e com peso nas costas e cansado de tudo que passou, ficou pior ainda. Sem olhar o croqui, fui pelo caminho mais exposto até uma chapeleta de abridor de garrafa enferrujado, porém, na merda foi um alívio. Fui um pouco mais para a direita em lance delicado e costurei num grampo de ½ bem esquisito. Vi um grampo de ½ mais para cima e à esquerda e fui pra ele, mas passei um perrengue tão sinistro, que resolvi desescalar e passar a bola para o Julio.

Estava bom demais para ser verdade, o 3º grau evoluiu para um 5º grau e mais tempo foi consumido e encontrávamos com muito custo os grampos indicados no croqui. Os lances de 3º grau lembravam muito os lances da reta do secundo lá em cima no mar de agarras, porém bastante quebradiço e mais exposto. No fim o Julio descobriu o caminho certo e chegou em P8. A esta altura já estávamos com as headlamps acesas. Como eu estava extremamente estressado, o Julio levou o esticção seguinte, deixando a mochila dele na parada para fazer os lances mais leve, que são verticais. Ele saiu para a esquerda por uma cristaleirazinha e começou a escalar para cima, quando uma agarra quebrou e ele caiu pouco antes de costurar o primeiro grampo. Não se machucou, e continuou pra cima, passando o lance e voltando pra pegar a mochila. Continuou e conseguiu achar a P9 e me puxou pra lá. Fiz o lance com um pouco de dificuldade, me sentindo puxado pra baixo, mas cheguei lá, quebrando algumas agarras e cada vez mais em ponto de pifar.



Agora, segundo Julio, faltavam apenas mais 100m de escalada... era para eu ficar contente, porém, eu sabia que seriam mais 100m de escalada de terceiro grau tenso, no escuro, cansados, pesados e à vista! Estes 100m restantes foram os mais demorados de minha vida. Novamente o Julio deixou a mochila na parada e partiu em horizontal para a esquerda e chegou num lance vertical onde há uma laca/fenda aberta, protegida por um grampinho de $\frac{1}{4}$. Quase caiu ali, mas passou e logo costurou um de $\frac{1}{2}$ e desceu pra pegar a mochila. Demorou mais um tanto de tempo e parou num grampo de $\frac{1}{2}$ no meio deste esticção e me puxou pra lá.

Por um tempo procurando no croqui o caminho, Julio partiu em horizontal para a esquerda em lances menos verticais e demorou bastante tempo. Eu, quase pifando vez, via a corda aos pouquinhos e bem lentamente sendo puxada, e gritei avisando que a corda estava acabando, até que a corda de 70m acabou de vez. De repente escuto um grito e comecei a escalar, lerdo e desconfiado das agarras. Até que cheguei na parte final da via, onde você caminha por dentro de mato e arvores até chegar ao cume.

Quando encostei, finalmente, na grade do cume, agradei a Buda, Jesus, Allah, Bob Marley, Jimmy Hendrix e todos mais que possam imaginar, por chegar bem (bem cansado) no cume! Nada mais para fazer, não arrumamos o material, fomos do jeito que chegamos para o bondinho, bebemos bastante água (que oásis!) e descemos para o Morro da Urca, e de lá para a Praia Vermelha, diretamente para o Último Móvel, tomar aquela Skol geladíssima. Foi a melhor cerveja já tomei! Acaba por aqui este enorme relato.

Leo Nobre Porto

Chaminé Brasília - 50 anos

Waldecy Mathias

No dia 27 de agosto, na sede do CERJ, comemoramos os 50 anos da conquista da Chaminé Brasília. Dos conquistadores, estavam presentes Pellegrini, Carlos Russo e Nelson Bravin. Dos outros conquistadores, Rodolfo Kern faleceu em 2003 e Emil Mesquita não pode comparecer.

A Pedra da Agulha localiza-se no município de Pancas, Espírito Santo e é considerada a maior chaminé do Brasil e sua escalada continua sendo um grande desafio.

Através dos relatos dos três palestrantes, ouvimos boas histórias da conquista assim como a emoção de pisar no cume. Presentes também a palestra, Tadeusz Hollup e Jean Pierre Von Der Weid, nossos grandes amigos do Carioca.

Após a palestra, houve a entrega de diplomas alusivos a conquista, tendo Russo e Bravin recebido o diploma das mãos de suas filhas. Liane, nossa diretora social, entregou o diploma ao Pellegrini.

Houve um bolo comemorativo e após o apagar das velas, pudemos celebrar essa importante data com os conquistadores.

Carrô abrindo a palestra...



Carlos Russo, Nelson Bravin, Pellegrini



Liane entregando o diploma ao Pelle...

TODAS AS MULHERES DO MUNDO - 6° Vsup E3 D3 ~ 400m

A primeira investida aconteceu no final de março 2008, mas essa não valeu. Chegamos no Abrigo do Elefante, Arthurzinho e eu, numa 6a feira à noite, onde nos encontramos com o Ralf. Separamos e enfiamos nas mochilas toda aquela tralha que se leva para conquistas e fomos dormir para, no dia seguinte, acordar antes de amanhecer e... voltar pra cama para dormir mais. Chovia a cântaros! Não havendo muito o que fazer, pegamos os anoraques e fomos até a base do que seria nossa empreitada naquele dia. Depois de tomarmos chuva grossa a balde, e vento frio no lombo, voltamos para o abrigo e retornamos para o Rio. Montanhista é gente doida mesmo. Cheguei a rir, na base do que seria a nossa via, quando nós três discutíamos animadamente as possíveis linhas, sob um pé d'água caprichado, enquanto uma cachoeira descia parede abaixo.

No dia 02/04/08, Arthurzinho e eu estávamos novamente no Abrigo do Elefante e o Ralf nos recebia na empolgação total. Nesse dia conquistamos os 3 primeiros esticões e uma parte do 4°. É exatamente nesse 4° esticão, o mais técnico entre todos, que a via se apresenta, de verdade. Voltamos à via no dia 05/9/08, quando terminamos a 4a enfiada, conquistamos a 5a, e boa parte da 6a. Esse trecho foi bem mais trabalhoso do que o primeiro. Tivemos um longo e desgastante dia, porém muito proveitoso. A via só foi concluída no dia 31/08/2009, dessa vez com a presença do Julio no meu lugar, pois compromissos de trabalho me prenderam aqui no Rio. Nessa data foram conquistados o 7° e 8° esticões, além do final do 6°.

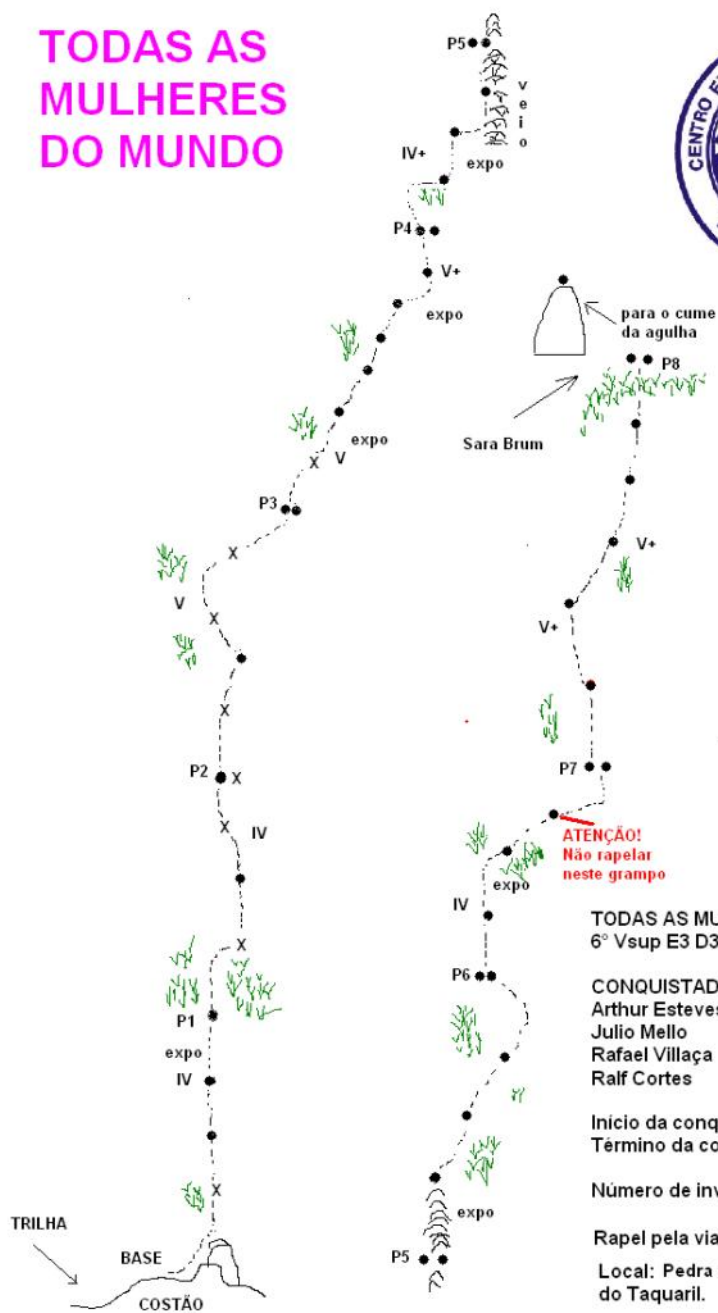


Foram batidas 45 proteções, sendo 7 chapeletas inox com chumbador inox de 10 mm da Tecnard, e 38 grampos de 1/2". O nome da via é um brincadeira que fizemos com outra, naquela parede - a "Ni'um Homizim" (conquistada só por mulheres). "Todas as Mulheres do Mundo" é um filme da década de 60, que foi estrelado pela Leila Diniz.

Obrigado ao Arthurzinho, Ralf e Julio pela parceria, e ao CERJ pelo fundamental apoio.

Rafael Villaça

TODAS AS MULHERES DO MUNDO



LEGENDA:
X - chapeleta
● - Grampo de 1/2"

TODAS AS MULHERES DO MUNDO
6° Vsup E3 D3 ~ 400 metros

CONQUISTADORES:

Arthur Esteves
Julio Mello
Rafael Villaça
Ralf Cortes

Início da conquista - Maio / 2008.
Término da conquista - 01 / Set / 2009

Número de investidas: 3

Rapel pela via com corda de 60 m.

Local: Pedra do Elefante, no vale do Taquaril.

Depois de mais de vinte anos de montanhismo me vejo diante de uma situação inusitada. Quatro mulheres de "meia idade" foram cooptadas pelo Rafael Villaça a conquistar uma via de escalada no Cantagalo Oeste, em Itaipava, em homenagem aos 70 anos do CERJ, sendo que seria essa a primeira via conquistada somente por mulheres em toda a história deste Clube. Seriam elas: Jana Menezes, Márcia D'Ávila e Patrícia Rocha, do CERJ, e Rosane Camargo do CEC, que teriam todo o apoio logístico e trabalho de sherpa feitos pelo Rafael, o Fruto Bendito, que munido de toda a paciência do mundo suportou bravamente as alternâncias de humor delas, que se revezavam em testar a sua perseverança nas quatro investidas feitas entre 8/8/2009 e 10/10/2009.

Ocorreu de tudo: na primeira investida foi subestimada a performance do grupo, ficando na base agasalho e comida, só sendo notado às 17 horas quando a fome e o frio se fizeram presentes. Na segunda investida a Márcia subestimou o tédio do que é uma conquista e pulou do barco (abriu o rapel) às 16 horas e eu a acompanhei em solidariedade. No entanto, as outras duas meninas continuaram na bateção de grampo noite a dentro, apesar da Rosane se queixar de dores nos pés o dia todo.

Na terceira investida, Rosane e Patrícia não puderam ir e somente eu, Rafael e Márcia, já munidos do nosso turbo secador de cabelo (furadeira Makita Super Power Ligth). Que beleza!!!!!!!!!

A Márcia, já superada do tédio, não largou a furadeira e saiu fazendo furo pedra acima só me restando observar e rezar pra que sobrasse um pedacinho de via pra eu testar o desempenho da nossa nova aquisição.

Na quarta investida, quem não largou da furadeira foi eu, apesar dos olhares pidões da Patricia, e finalmente cheguei ao final da via; isso porque pra cima era mato. Caso contrário, ia ter arranca rabo de mulher na pedra pra saber quem ia pegar o brinquedinho.

Nunca pensei que fosse usar algum dia de todo o meu conhecimento psicológico para apaziguar mulheres à beira de um ataque de nervos. Vivendo e aprendendo.....



CERJ - CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

PAREDÃO FRUTO BENDITO



PAREDÃO FRUTO BENDITO
3° IV E1/E2 - 240m

CANTAGALO OESTE - ITAIPAVA

CONQUISTADORAS:

JANA MENEZES
MARCIA D'AVILA
PATRÍCIA ROCHA
ROSANE CAMARGO

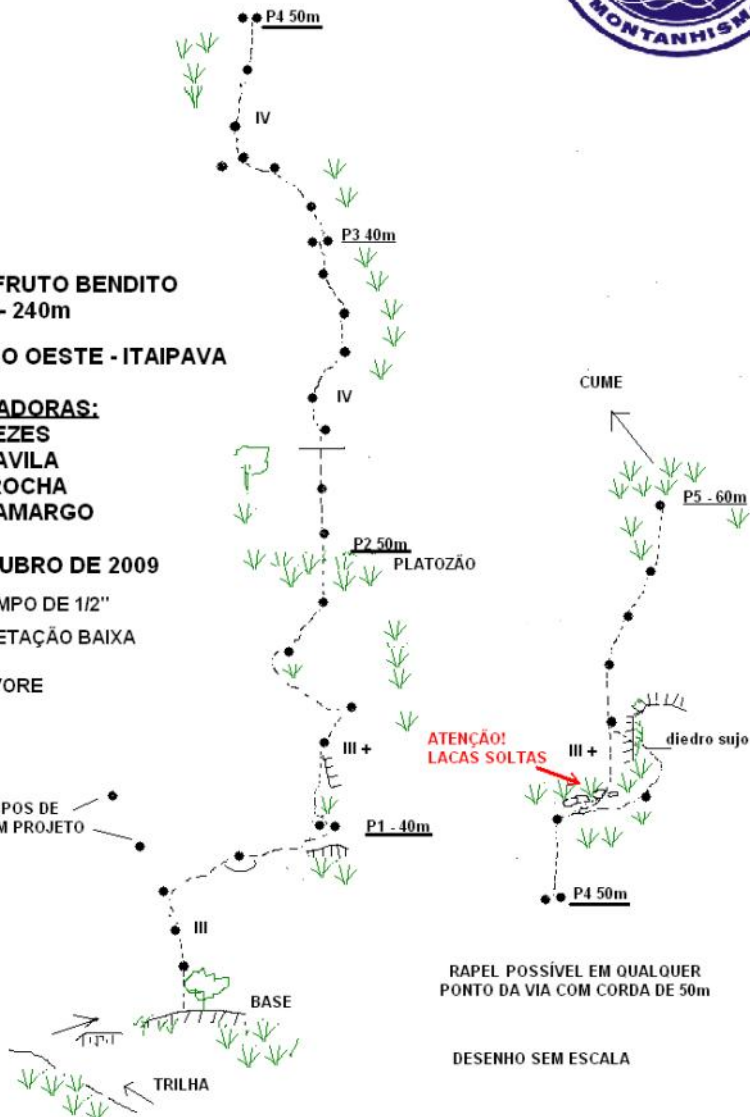
03 DE OUTUBRO DE 2009

● - GRAMPO DE 1/2"

∨ - VEGETAÇÃO BAIXA

🌳 - ÁRVORE

GRAMPOS DE
VIA EM PROJETO



RAPEL POSSÍVEL EM QUALQUER
PONTO DA VIA COM CORDA DE 50m

DESENHO SEM ESCALA

Ilha Grande

Waldecy Mathias

Nos dias 16, 17 e 18 de outubro, o Wal guiou a já tradicional excursão anual a Ilha Grande. Apesar da chuva compareceram, entre Cerjenses e Guanabarenses, 35 pessoas.

No sábado, um grupo de 18 pessoas participou da travessia Araçatiba x Aventu-
reiros. Na chegada a Provetá, um acidente: nossa querida Marineth escorregou quebrando seus dois braços. Marineth, super guerreira, terminou a excursão, já sobre forte chuva e ainda agüentou a viagem em dois barcos até de volta ao Continente para os devidos socorros. No início da noite, seu filho veio busca-la de volta para o Rio. Sendo assim, Wal, Ana Paula e Mônica Esteves, ainda arrumaram um barco para voltar para a Ilha e poder participar do passeio de barco de domingo.

E o sol deu sua graça presenteando os participantes com um lindo dia. Finalizando, estamos todos torcendo para uma rápida recuperação da nossa Marineth para que possa voltar logo ao convívio do CERJ.



FEMERJ fixa placas de alerta na via CEPI e na face norte do Morro da Urca

A FEMERJ fixou placas em alguns locais do Monumento Natural da Urca para alertar os montanhistas sobre alguns problemas que surgiram.

Uma das placas foi fixada na primeira proteção da via CEPI. Algumas partes de seu cabo de aço estavam em péssimo estado de conservação. Um dos cabos (o da última horizontal) foi trocado em meados de outubro pela Unicerj, clube que faz atualmente a manutenção desta via. Foi também colocado um outro cabo com uma proteção de borracha. Ainda é necessária a troca de mais uma parte. Enquanto isso, fica no local o aviso sobre a condição da via. A FEMERJ não aconselha a escalada na via CEPI até que toda a manutenção tenha sido realizada.

Na face norte do Morro da Urca foi colocada uma placa avisando sobre a laca que está com uma grande probabilidade de queda. Não é recomendável escalar na área onde estão as vias Êrve Muniz, Estranho Prazer, Antônio Callado, Yuri Gagarin e Mané Garrincha. A Federação segue a orientação do geólogo Luiz José Brandão, da Geo Rio, que esteve no local em agosto, acompanhado de Waldecy Lucena, vice presidente da FEMERJ e coordenador do SOS Urca. "Optei por colocar a placa em uma árvore porque os grampos de todas as vias estão muito altos, dificultando a visibilidade de quem for escalar", contou Waldecy.

Este alerta sobre a laca foi dado inicialmente por Antônio Paulo Faria, geógrafo, especializado em geomorfologia, e montanhista, em uma mensagem na lista da Federação. Ele esteve no local e verificou que a placa estava solta, tinha aproximadamente 24 m², e pesava em torno de cinco toneladas. "A placa em si está soltinha, pode cair a qualquer momento. Quem vem de cima, rapelando, não enxerga o perigo, mas há microfissuras e lacas quebradas no topo da placa", explicou Antônio Paulo.

Seguem abaixo as placas, feitas por Pedro Bugim, diretor técnico da FEMERJ.

Assessoria de Imprensa da FEMERJ

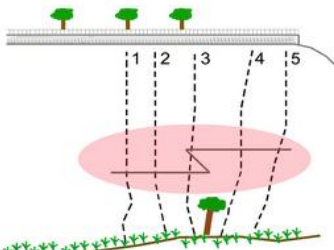
Atenção!



Evite a prática de escalada ou rapel: Área com grande risco de acidentes devido à formação de uma enorme laca instável pelo processo natural de esfoliação térmica.

Áreas afetadas:

- 1 - Via Êrve Muniz
- 2 - Via Estranho Prazer
- 3 - Via Antônio Callado
- 4 - Via Yuri Gagarin
- 5 - Via Mané Garrincha



Atenção!!!

O cabo de aço da via "CEPI" encontra-se precário em alguns pontos, estando inclusive rompido em um determinado trecho.

Até a finalização da manutenção da via, em andamento, é recomendável evitar sua ascensão.

Risco de morte!



Para os meses de novembro e dezembro de 2009, o nosso sócio-fotógrafo SOBRAL PINTO escolheu o tema: O NARIZ DO FRADE E SUA VERRUGA, localizado no PNSO, em Teresópolis (RJ), foi o mesmo conquistado em 11 de junho de 1933 pelos teresopolitanos Andral Póvoa, Luiz Gonçalves e Malvino Américo de Oliveira (guia), auxiliados por Alcides Rosa de Carvalho, Arlindo Motta, Antonio Godoy, José Claussen Paim e Miguel Ignácio Jorge.

Durante as décadas de 40 até 60 foi essa escalada uma das mais freqüentadas no PNSO pela facilidade que uma escada de ferro que o CEB introduziu em suas duas grandes chaminés que levam ao topo do Nariz do Frade. Assim, com um pouco de habilidade era possível levar os "perfumistas" até o cume daquele pico, de onde pode-se descortinar uma linda paisagem de quase todas as montanhas daquele parque.

A retirada daquele "artifício" (escada de ferro) levou essa escalada a ser um "desafio", pois as duas chaminés são bem grandes, forçando os alpinistas a terem um bom treino de chaminés.

O CERJ agradece...

- Ao sócio Daniel Versiani Chilea a doação de uma sapatilha de escalada semi-nova.
- Ao sócio Luiz Carlos Guedes pela doação de vários livros de montanhismo, enriquecendo nossa biblioteca.
- A sócia e geóloga Bruna Bittencourt pela concorridíssima palestra de Geologia ministrada na sede do CERJ no dia 20 de outubro.

FESTAS DE FIM DE ANO NO CERJ!!
17/12 – NA SEDE SOCIAL
19/12 – CHURRASCO NA FLORESTA
DA TIJUCA – VÁRIAS ATIVIDADES...
COMPAREÇA!!!

Caius Rollando da Rocha



O VAMPIRO TROPICAL

da Transilvânia
para as boates de
Copacabana!

Ele vai roubar
a sua alma...
e o seu coração!

The show
must go on!!

Um filme de:
QUENTIN TARANTINO e ZÉ DO CAIXÃO

Estrelando:
FERNANDO FAJARDO, The OLDMAN



Pessoal, aparentemente essas são as fotos que vazaram para a internet, dos sets de filmagem, do longa metragem que o Velho está fazendo, dirigido por Quentin Tarantino, onde interpreta um mágico aposentado, que também é dono de um circo e vampiro, além de ser um defensor da causa Gay em São Francisco, em 1970. Parece que o filme será muito doido, afirmou o próprio Tarantino, o que foi prontamente confirmado pelo Velho. (Rodolfo Campos)

ASSEMBLÉIA GERAL

Rio de Janeiro, 22 de outubro de 2009.

O Presidente do Centro Excursionista Rio de Janeiro, em conformidade com seus Estatutos, CONVIDA a DIRETORIA e o CONSELHO FISCAL e CONVOCA OS CONSELHEIROS a reunirem-se em sessão ordinária no dia 10 de dezembro, quinta-feira, às 19:30 horas, em primeira convocação, e às 20:00 horas em segunda e última convocação, com qualquer número de membros presentes, em sua sede social à Avenida Rio Branco 277/805 para:

- Eleger um novo Conselho Deliberativo assim como uma nova Diretoria, bienalmente constituída;
- Tomar conhecimento do parecer do Conselho Fiscal e do movimento financeiro do ano e aprovar as contas;
- Ouvir a exposição de cada Departamento sobre os trabalhos realizados durante o ano;
- Assuntos gerais.

José Carlos Muniz Moreira
Presidente do Centro Excursionista Rio de Janeiro

Centro Excursionista Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Sede Própria: Av. Rio Branco, 277/805
Edifício São Borja – 20047-900
Rio de Janeiro – RJ

Tel: 0 xx 21 2220-3548

WWW.cerj.org.br

Cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:
Quintas-feiras a partir das 20 horas